

## A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE POLACA NO NORTE GAÚCHO

Alessandra Avila Martins (UCPel)

### INTRODUÇÃO

Ainda vivemos em uma sociedade que tem dificuldade em lidar com o heterogêneo, pois tudo que foge àquilo que se preconizou como “normal” tende a ser excluído ou rejeitado. Em várias instâncias sociais, a grande busca é pelo homogêneo, o igual, o linear. Mesmo que tenhamos dificuldade em aceitar a diversidade, ela está presente nas relações interpessoais, sociais. A diversidade/heterogeneidade é de extrema complexidade e se manifesta na identidade cultural, na etnia, na sexualidade, na linguagem e outros.

Se pensarmos em questões étnicas, o Brasil é um forte exemplo de heterogeneidade. De norte a sul, a diversidade nos seus mais variados aspectos se faz presente. A região centro-sul do nosso país é um exemplo significativo no que diz respeito à diversidade étnico-cultural pelo fato de que temos as línguas trazidas pelos imigrantes japoneses, italianos, alemães, poloneses, libaneses. Descendo um pouquinho no mapa, mais especificamente no Rio Grande do Sul, há uma divisão entre metade sul e metade norte, ou seja, temos o “nós” e “eles” dependendo de onde falamos.

Na chamada metade norte, as pessoas se identificam, como: “italianas, gringas, alemãs, polonesas, polacas, bugras, brasileiras.” (MARTINS, 2005, p.46/47). No norte do RS, as distinções são bem marcadas: distinção entre polaco e polonês; italiano e gringo. O polaco seria o polonês pobre e o gringo seria o italiano pobre. Os bugres seriam os índios e os brasileiros seriam aqueles que não têm sobrenome de italiano-gringo ou polaco-polonês. A metade sul foi colonizada basicamente por portugueses e de acordo com os olhos “loiros” dos metade norte, na metade sul moram os *brasileiros*. Quem seriam esses brasileiros? Pessoas de pele morena, com sobrenomes Martins, Oliveira, Silva. Um contato entre esses dois espaços, que ficam no mesmo Estado, já nos revela que a diversidade está presente na comida, no falar, no vestir e nos valores e nas crenças.

Vemos que temos uma necessidade de nos identificar, de pertencer, de ter uma identidade. Então, afirmar *sou brasileira* não é somente uma constatação, é uma demonstração de que não sou italiana, paraguaia ou polonesa. Essa demonstração carrega “o traço do outro”, quer dizer, não ser de outra etnia.

A sociedade em que vivemos tem uma necessidade constante em definir, nomear pessoas e eventos. Para nós, tudo tem que ter um nome, deve ser nomeado. Temos a ilusão de que ao definir algo, esse algo passa a ser único, singular, temos a resposta certa e genuína. Será que é tão simples assim? Claro que não. Somos constituídos por valores, crenças, ideologias que se cruzam e muitas vezes se chocam com outros valores, crenças e ideologias. Essa constatação pode se concretizar em termos de linguagem, pois para a metade sul, o termo *polaco* tem um caráter menos pejorativo do que na metade norte, ou seja, *polaco* seria qualquer pessoa de cabelos claros. No entanto, o termo polaco, no norte do Rio Grande do Sul, abriga outro sentido, ou seja, é vinculado à etnia polonesa e em alguns locais têm o sentido positivo e em outros têm sentido negativo.

Então, qual é o verdadeiro sentido do vocábulo *polaco*? O sentido atribuído na metade norte ou na metade sul? Ser polaco é algo bom ou ruim? A partir dessas questões é que este trabalho se justifica, pois aqui pretendemos refletir acerca da concepção de linguagem postulada pela teoria bakhtiniana, pelo plurilingüismo e pela identidade. Buscaremos compreender as diferentes vozes que circulam em torno desse termo que muitas vezes pode ser tão desconfortável (ou não!) para alguns e que é parte da identidade étnica polonesa.

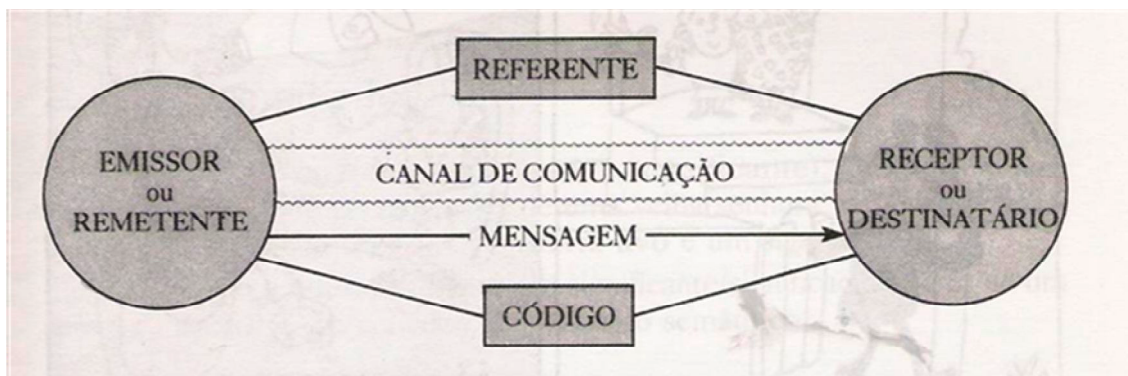
### 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Tentando definir língua/linguagem

De acordo com Travaglia (1997, p.24), é possível distinguir três possibilidades de perceber a linguagem. A primeira possibilidade percebe a linguagem como expressão do pensamento: as

peças não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. Portanto, para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada interação comunicativa, está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala, para que se fala.

A segunda concepção vê a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação: a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Assim, o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Restringe-se à decodificação. O quadro a seguir ilustra essa concepção:



O quadro acima suprime a noção de compreensão responsiva que é inerente à linguagem e coloca o receptor/destinatário como um sujeito passivo, o qual entende e concorda plenamente com o emissor. No entanto, essa facilidade está longe de ocorrer porque o destinatário/receptor é ativo, dialoga com seu interlocutor e se constitui por um conjunto de valores e crenças que se fazem presentes no momento da enunciação. Toda enunciação tem caráter dialógico, consiste em uma resposta a algo e portanto é construída para obter uma resposta que concorde, discorde, confirme o que foi enunciado pelo emissor.

A última concepção concebe a linguagem como forma ou processo de interação: o que o indivíduo faz ao usar a linguagem não é tão-somente traduzir ou exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outro, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

A última concepção se aproxima mais da concepção proposta por Bakhtin. Nas palavras de Bakhtin, podemos depreender o caráter dialógico que é inerente à língua:

“a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN, 1986, p. 123).

Complementando sua reflexão acerca da língua, Bakhtin (1986, p. 108) afirma que “a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo.” Para esse autor, a língua não está pronta para o uso e com os sentidos determinados, os indivíduos se inserem na corrente da comunicação verbal e só a partir desse mergulho ou inserção na corrente é que a nossa consciência desperta e começa a operar.

Ao compreendermos essas características da linguagem, entendemos que ela não pode ser concebida como homogênea, imutável ou fechada. A linguagem, na perspectiva bakhtiniana, é dinâmica, dialógica, heterogênea e inseparável do fluxo da comunicação verbal. Devido a essas características é que ela possibilita leituras diferentes do mesmo evento.

Uma das grandes contribuições de Bakhtin para a compreensão da linguagem é a noção de *plurilingüismo lingüístico*. Muitas vezes o conceito de polifonia é utilizado com o mesmo sentido de plurilingüismo, no entanto Bakhtin só analisa a polifonia na obra de Dostoievski. Na polifonia, as vozes são equipolentes, ou seja, elas têm o mesmo espaço e isso não pode ser confundido com o plurilingüismo lingüístico que é também denominado de heteroglossia e plurilingüismo.

Faraco (p.56, 2006) explica que o que caracteriza o plurilingüismo ou heteroglossia é a multidão de vozes sociais, a diversidade de vozes, a heterogeneidade de vozes. Ao tratar das vozes sociais, esse autor assinala que há um encontro sociocultural entre essas vozes, estabelecendo-se uma dinâmica, ou seja, “elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcialmente ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante.”

Bakhtin (p.98, 1998) diz que a linguagem é altamente pluridiscursiva. Essa pluridiscursividade pode ser explicada devido às contradições “sócio-ideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos sócio-ideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc.”

Bakhtin (ibid, p.99) afirma que as linguagens são pontos de vista sobre o mundo, portanto para a construção de sentidos não existe espaço para julgamentos do tipo: “esta concepção de mundo é certa ou errada”. O que podemos considerar é que existem diferentes concepções de mundo que são determinadas por diferentes valores, crenças, ideologias e situadas em um contexto sócio-histórico determinado. Bakhtin compreende que no plurilingüismo as linguagens se cruzam e se interceptam de diversas maneiras e não se excluem umas das outras. Como a linguagem não pode ser tomada como um processo pronto e acabado, as vozes que aparecem no plurilingüismo “são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua interpretação verbal, perspectivas específicas objetais, semânticas e axiológicas.” (p. 98). Dessa forma, todas as vozes que constituem o plurilingüismo podem ser confrontadas, complementadas, podem estar em situação de oposição e de correspondência dialógica.

#### Identidade e diferença

O conceito de identidade é bastante complexo e ainda pouco desenvolvido e compreendido na ciência social. A identidade pode ser abordada em uma perspectiva sociológica, antropológica ou psicanalítica. Hall (2006, p. 10) nos apresenta três concepções diferentes de identidade. As concepções de identidade são ancoradas nos seguintes sujeitos: *sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno*.

O sujeito do Iluminismo se sustentava numa idéia de unicidade, não sofria transformação, era imóvel e fixo. O autor afirma que esse sujeito era “totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de consciência, de ação” (Ibid., p.10) e se desenvolvia mantendo-se sempre o mesmo no decorrer de sua existência. Esse autor caracteriza essa visão como “individualista” do sujeito e da sua identidade.

A segunda concepção ainda mantém traços da aparente unicidade da identidade do sujeito. Temos o sujeito sociológico. Esse sujeito “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele” (Ibid., p. 11). Percebemos que esse sujeito ainda tem o eu interior, essência interior que vai mudando e se constituindo por meio da relação com mundos culturais exteriores e com outras identidades que se apresentam. Sendo assim, a identidade, na perspectiva sociológica, transita entre o mundo pessoal e o mundo público. Hall explica que projetarmos a nós próprios nas identidades culturais, internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, faz com que alinhemos nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. Dessa forma a identidade costura, cola o sujeito à estrutura. Aqui, fica evidente a estabilização dos sujeitos e dos mundos culturais que eles habitam, há uma espécie de reciprocidade do sujeito à estrutura.

A terceira identidade é a do sujeito pós-moderno que se distancia da noção de unicidade, de imobilidade, de fixidez. Esse sujeito que tinha uma identidade única e estável “está se tornando fragmentado; composto não de única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (Ibid., p.12). Essa transformação é o resultado de mudanças estruturais e institucionais e produz o sujeito pós-moderno, que não tem mais uma identidade fixa e permanente. Essa identidade se

forma e se transforma de acordo com as necessidades, por isso a identidade é definida historicamente e não biologicamente. Assim, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente” (p.13). O caráter único, imóvel e completo passa a ser uma imaginação, um mundo à parte, um mundo de fantasia.

Podemos afirmar que essa mobilidade da identidade produz discursos diferentes, isto é, o mesmo sujeito se representa com identidades diferentes e dependendo do contexto em que ele precisa se manifestar, assume uma identidade. Portanto, afirmar *Eu sou polaco, eu sou polonês* depende do momento da enunciação, ou seja, quem fala, para quem se fala, quando se fala.

Quando tratamos de identidade, é necessário também abordarmos a questão da **diferença**, pois ambas estão em relação de dependência. Woodward (2000, p. 9) afirma que a identidade é marcada pela diferença e a diferença é sustentada pela exclusão. Quando o sujeito assume uma identidade, por exemplo, se eu afirmo que *sou brasileira* é sinônimo de que não sou polonesa. A identidade é “aquilo que se é” e a diferença é “aquilo que o outro é” (SILVA, 2000, p.74). Existe uma relação de dependência entre identidade e diferença e elas pertencem ao mundo cultural e social, portanto são criações sociais e culturais fabricadas por nós. Silva (Ibid., p.76) explica que identidade e diferença resultam de atos de *criação lingüística*. Tal afirmação pode parecer óbvia, repetitiva, mas é de extrema importância porque é por meio dos atos de fala que instituímos esses dois conceitos. O autor cita como exemplo o fato da identidade brasileira, que é uma criação, uma invenção de inúmeros e complexos atos lingüísticos que a fazem diferente de outras identidades nacionais. Então, afirmar *sou brasileira* não é somente uma constatação é uma demonstração de que não sou italiana, paraguaia ou polonesa. Essa demonstração carrega “o traço do outro”, quer dizer, não ser de outra etnia.

Como mencionamos, identidade e diferença estão imbricadas nos sistemas de poder e essa forte ligação se dá por meio da *representação*. De acordo com a teoria cultural recente, a identidade e a diferença são ligadas a sistemas de significação, de representação. A representação aqui concebida numa perspectiva pós-estruturalista recusa “quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica.” (HALL, 2006, p. 90). A visão pós-estruturalista vê a representação na dimensão do significante, como um sistema de signos, como marca material exterior e visível.

Outra característica da representação é que ela é uma forma de *atribuição de sentido*. Nesse aspecto é que ela se vincula à identidade e à diferença pelo fato de que ao representar, “ao explicitar ‘essa é identidade’, ‘a identidade é isso’ é que essas categorias passam a existir já que foi atribuído a elas um sentido”. (SILVA, 2000, p.91). Por meio da representação, a identidade e a diferença se associam a sistemas de poder, pois “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (p.91). Por isso, a afirmação de uma identidade não é nada inocente e por trás de uma simples caracterização de um grupo reforçamos algo e não somente descrevemos como determinado grupo é fisicamente.

Na obra *Identidade e diferença*, Silva (p.93) cita o exemplo da palavra racista “negrão”. Aqui, utilizaremos a palavra também racista “polaco”. Se utilizarmos a palavra “polaco”, em alguns espaços da região norte do RS, nos referindo a uma pessoa loira, com pele meio rosada e de olhos claros, não estamos somente descrevendo esse sujeito nos seus aspectos físicos, estamos o inserindo em um sistema lingüístico mais amplo que reforça a negatividade dada à identidade “polaca”. O termo “polaco”, para alguns e em determinados espaços, carrega uma gama de atributos, como: bêbado, prostituta, burro, pobre, colono<sup>1</sup>. Como o signo se caracteriza pela repetição, a possibilidade de repetição de uma dada sentença mostra o poder que esse ato lingüístico tem no processo de produção de identidade.

Esses aspectos da identidade e diferença comprovam que elas são criações culturais e sociais, ou seja, não nascem com o homem, ao contrário, são produto da criação humana, são impostas e se inserem nas relações de poder.

## 2 CONTEXTUALIZANDO

### Situando Áurea

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que em determinados contextos (como o da nossa pesquisa) ao polaco são atribuídos outros sentidos.

A pesquisa-piloto, que será o foco da análise deste trabalho, foi realizada no município de Áurea. Esse município é conhecido por ter os imigrantes poloneses como maioria étnica. De acordo com Wenczenowicz (p.59, 2002), “a maioria dos poloneses chegados à Áurea provinha das regiões polonesas de Lublin e Siedle, dominadas pela Rússia.” A cidade localiza-se no norte do Rio Grande do Sul, região do Alto Uruguai, assim chamada por ser o Uruguai o maior rio que banha a região, dividindo os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os primeiros imigrantes poloneses chegaram à Áurea em torno de 1911. Sendo assim, o município de Áurea é conhecido na região norte do RS como a “capital da Polônia”.

A pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram 22 crianças entre 9 e 10 anos que estavam na época da coleta (outubro/2007) cursando a quarta série na Escola Municipal Agrícola de Áurea. A coleta dos dados foi feita a partir da leitura do livro infantil *A menina da rua dos polacos*<sup>2</sup>. Os alunos não tinham conhecimento do livro e o mesmo não havia na biblioteca da escola. A contação da história foi realizada em um espaço à parte da escola, específico para atividades extra-classe e contou com a presença da professora da turma. Após a leitura, conversamos sobre o texto e os alunos responderam algumas questões escritas. Em uma das questões escritas, solicitei o seguinte:

**Como vimos no livro, os personagens moravam na rua dos polacos. Para você, o que é ser polaco?** As respostas das crianças a essa questão serão o foco da nossa análise.

### 3 ANÁLISE

O termo *polaco*

Antes de iniciarmos a análise proposta, temos que contextualizar a questão da palavra *polaco*, que ainda em alguns espaços sofre preconceito e discriminação. Nos dicionários Houaiss (2001, p.347) e Aurélio (1986, p.1353), *polaco é um adjetivo masculino, polonês*. Em espanhol, o termo se refere à região de origem. Nesse caso, a designação do termo é vinculada à região de origem. Com o passar do tempo, esse termo foi sofrendo modificações e foram agregados a ele outros sentidos, sentidos pejorativos. A origem depreciativa do termo em questão teve início no começo do século XX, no Rio de Janeiro, quando vieram mulheres da Europa para trabalharem no cassino da Urca. Por serem loiras, como as polacas do sul do Brasil, a população passou a chamá-las de polacas. Posteriormente, muitas prostitutas passaram a ser chamadas de polacas, independentemente da cor. Iarochinski (1998) diz que “nos Estados do sul do Brasil, o termo ‘Polaca’ deixou de ser usado para designar a nacionalidade de um povo e se transformou em sinônimo de prostituição. A expressão ‘Polaca’ virou palavrão e passou a equivaler ao popular *filho da puta*.”

Em seu artigo, esse autor afirma que o termo *polaco* também tinha identificação com agricultura, portanto ser agricultor era pertencer à camada mais baixa da sociedade, o que gerava um complexo de inferioridade nos imigrantes e em seus descendentes. Outros sentidos negativos se juntaram, como: “o polaco sem bandeira”, *polaco “é como nego do avesso”, “polaco burro”*. Vemos que uma determinada identidade é construída no social, “definida historicamente e não biologicamente” (HALL, 2006, p.13). Devido a esses significados atribuídos, muitos descendentes de polonês têm aversão ao termo *polaco* e não gostam de ser referidos como tal, defendendo que polonês e *polaco* não são sinônimos.

A denominação do termo *polaco* é dada normalmente como um termo pejorativo e estigmatizado pelos outros no Brasil. Borstel (2008, p.4) afirma que “a discriminação deste grupo étnico, aqui enraizado, já existe desde que vieram da Europa para o Rio Grande do Sul em 1891.” Um fator que levou esse grupo étnico a ser discriminado foi em razão das dificuldades de adaptação pelo clima, pela falta de preparo para o trabalho agrícola em terras cobertas pela mata nativa. Outro aspecto elencado é que “os que emigravam não eram camponeses, sujeitos a uma servidão feudal, mas marginalizados das cidades que a Revolução Industrial estava criando também na Polônia.” (BORSTEL, 2008, p.4).

<sup>2</sup> O livro foi escrito pela autora Mara Regina Rösler e publicado pela editora da URI - Campus de Erechim, na cidade de Erechim/RS em 2005.

No entanto, há também descendentes de polonês que não vêem problema algum em serem referidos como polacos e acreditam que polonês e polaco são sinônimos, porque os dois provêm da Polônia. E devido a essa “raiz” européia, eles têm orgulho dos seus antepassados e de serem chamados de polacos.

Começando a análise

O livro utilizado para a coleta dos dados foi um instrumento, uma ferramenta para depreender qual o sentido de *polaco* em uma comunidade em que predominam descendentes de polonês. Minha dúvida era: Será que é o mesmo sentido que circula em outros contextos sociais? Será que é o sentido que enxerga o *polaco* como ruim?

Ao observarmos as respostas dadas pelas crianças que participaram da pesquisa, vemos que nenhuma delas está “de acordo” com as colocações de Iarochisnki (1998). Em alguns casos, alguns dos nossos sujeitos consideram *polaco* como sinônimo de polonês, ou seja, vinculam a figura do polaco à nacionalidade conforme prevêm os dicionários Houaiss e Aurélio e não trazem conotações pejorativas. Temos:

“Me lembra polonês”, “Polonês”, “É ser um polonês”, “ser polonês”

Porém, há outras construções para o enunciado polaco. No uso, é que a língua revela que não é um produto pronto e acabado e que é inseparável do fluxo da comunicação verbal. Essas crianças “transgridem”, transcendem o sentido que está dicionarizado, tido como pronto, acabado e talvez até legitimado socialmente, evidenciam a polissemia do termo em questão e demonstram que no “dicionário, há virtualidades, potencialidades que, em uso, são dialogizadas e ideologizadas.” (BAKHTIN, 1986, p.107).

No decorrer da análise, a resposta mais recorrente é a correlação entre polaco-língua, identidade étnica- língua. O sujeito se identifica com uma determinada etnia porque fala essa língua. A língua, para esses sujeitos, constitui a identidade polaca. A língua funciona mais ou menos como um símbolo nacional (bandeira). Podemos exemplificar com as respostas dadas:

“Falar em polaco, Falar outra língua, saber bem a língua, falar bem a língua, aprender a falar e escrever, é falar outra língua, é saber algumas palavras em polonês, falar em polaco, á aprender a falar e escrever em polonês, saber falar em polaco, falar sempre na língua polonesa, falar em polonês.”

Temos respostas que vão de encontro às adjetivações apresentadas ao termo polaco no item (sobre polaco). Percebemos que há outros sentidos atribuídos ao vocábulo, ou seja, há diferentes vozes que contribuem para a representação da identidade *polaca* em um local específico, que é o município de Áurea. Essas vozes se manifestam em:

“Alegre, boa amigo de tudo mundo. É um orgulho. Muito bom. É legal e divertido”

Os enunciados acima ratificam a concepção de que a língua não é neutra, é repleta de intenções e recebe acento de valor. Portanto, “todas as palavras e formas são povoadas de intenções.” (BAKHTIN, 1998, p.100). No momento em que há as adjetivações (positivas), há o acento de valor atribuído à palavra polaco. Temos uma atitude responsiva em relação ao sentido negativo. Esses dizeres trazem junto o enunciado negativo, carregam o traço do “outro”. Ao dizer que ser polaco “é muito bom”, “é um orgulho”, há embutido nessa voz o dizer “que ser polaco é ruim”. Podemos afirmar que o confronto de dizeres se instaura e que não há um único dizer ou um dizer verdadeiro, há uma pluralidade de dizeres que estão no entorno da identidade polonesa.

Além disso, essas enunciações são carregadas de conteúdos ideológicos. Ao mesmo tempo em que se contrapõem à voz que diz que ser polaco é ruim, elas refletem todo trabalho de construção da identidade polonesa ou polaca no município de Áurea. Essas vozes sociais que estamos analisando consistem em uma outra representação do que é ser polaco em uma sociedade (fora da comunidade Áurea) que ainda acredita que os valores das pessoas são atrelados à etnia. Há fortes intenções da comunidade de Áurea em valorizar a etnia polonesa que, historicamente, sofreu preconceito e discriminação. Assim, os efeitos desse processo de construção identitária, ou melhor, de levante étnico, se concretizam no discurso dessas crianças. Ao valorizarem a figura do polaco, percebemos o quanto o discurso dessas crianças não é neutro. Temos um discurso atravessado por crenças,

ideologias e que rejeita ou até mesmo subverte o discurso do *polaco* como “nego do avesso”, “sem bandeira”.

As vozes que aqui se apresentam vão ao encontro daquilo que Hall propõe sobre a mobilidade da identidade e de como ela é instável. A identidade polaca que, durante algum tempo, abrigou sentidos pejorativos e negativos, no contexto aureense adquire um sentido positivo. Isso implica afirmar que a identidade não é fixa, pelo contrário, é móvel e em nosso trabalho o mais relevante é pontuar que a identidade é construída socialmente. Ninguém nasce polaco ou brasileiro, essas categorias são construídas no social, ou melhor, essas categorias são representações inseridas nos mais diversos sistemas, como língua, cultura, diferença sexual ou étnica. Vemos que uma determinada identidade é construída no social, “definida historicamente e não biologicamente” (HALL, 2006, p.13).

Esses enunciados que compõem os nossos dados nos levam a pensar no conceito de plurilingüismo proposto por Bakhtin. Essa diversidade de vozes é o fio condutor para a representação de uma dada identidade em um contexto sócio-histórico bem definido. Vemos o quanto a linguagem é polissêmica e como a multidão de vozes sociais é responsável pelo processo de construção identitária. O embate<sup>3</sup> de vozes entre passado e presente é ressaltado na nossa pesquisa, pois o passado social e histórico representa o polaco como um estorvo, o vê como uma etnia inferior e ruim. Todavia, o presente no contexto de Áurea traz uma representação diferente. Assim, essas duas representações evocam um processo contraditório que se faz presente no imaginário dos sujeitos. De um lado, há o sujeito que se envergonha de ser chamado de polaco e vivencia o “ser polaco” ligado ao preconceito e à discriminação que estão no passado. Por outro lado, existe o sujeito que se orgulha de ser polaco e esse orgulho pode estar ligado à fantasia das raízes do que foi bom na Polônia e que é trazido pelos seus avós ou bisavós. O ponto em comum é que a identidade polaca entendida como boa ou ruim foi construída no social e habita o imaginário tanto dos sujeitos que são poloneses/polacos, descendentes ou não.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura das respostas dadas pelas crianças que participaram desta pesquisa e a tentativa de entendimento das mesmas nos levam a refletir sobre a heterogeneidade de vozes que circula nos diferentes contextos enunciativos.

Este trabalho traz à baila a ineficiência dos rótulos, das determinações e da busca de tornar os elementos fixos e verdadeiros e desmonta a concepção de que a língua é fechada, pronta e acabada. A análise caminha justamente pelo contrário e revela o quanto a língua é altamente dinâmica, está sempre em movimento e não comporta apenas uma resposta. Como comportar apenas uma resposta se há diferentes valores, crenças e ideologias envolvidas? Essa reflexão nos leva a pensar na mobilidade da identidade proposta pelos Estudos Culturais, especificamente por Hall. Assim como a linguagem é algo aberto, incompleto, instável e polissêmico e construída no social a identidade também é.

Afinal, o que é ser *polaco*? É possível definir “verdadeiramente” este termo? Não. É possível apenas compreender que há encontros e desencontros de vozes que o definem (tentam!) e que estão em constante embate. Sendo assim, para nós, que estamos atravessados pelo “jeito bakhtiniano” de ver o mundo e a linguagem, a resposta sobre o que é ser polaco depende de quem fala, do lugar em que os sujeitos se inscrevem e para quem se fala. Devido às condições da enunciação, não podemos deixar de refletir que de repente esses sujeitos da pesquisa em um outro momento de suas vidas também possam atribuir sentidos diferentes à representação do que é ser polaco. Talvez, se estiverem atravessados por outros discursos, o seu discurso sobre a identidade polaca passe por transformações, pois como já aludimos identidade e linguagem se imbricam pela mobilidade e fluidez.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

<sup>3</sup> Tratamos de embate porque a voz presente no município de Áurea pode ser lida como uma resposta à voz do passado.

- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do romance. Trad. Bernardini ET AL. 4. Ed. São Paulo, Unesp, 1998.
- BORSTEL, Clarice Nadir Von. **O conflito étnico/cultural e interlingüístico de descendentes de poloneses.** Disponível em: <[www.ucm.es/info/especulo/numero31/polones.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/polones.html)>. Acesso em: 1 jul. 2008.
- FARACO, Carlos A. **Linguagem e diálogo:** as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Paraná, Criar Edições, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP& A: 2006.
- HOUAISS, Antonio & VILLAR, Mauros de Salles. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IAROCHINSKI, Ulisses. **Porque Polaco!** Disponível em: <<http://www.ui.jor.br/polemica.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARTINS, Alessandra Avila. **A importância do (re) conhecimento sociolingüístico na escola:** sua implicação para o ensino. Dissertação de mestrado, Universidade de Passo Fundo, 2005.
- TRAVAGLIA, Luiz C **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1997.
- WENCZENOVICZ, Thais J. **Montanhas que furam as nuvens!** Imigração polonesa em Áurea-RS (1910-1945). Passo Fundo: Editora da UPF, 2002.
- WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença.** Petrópolis: Vozes, 2000.